

Germano Campos Monteiro

O BEIJO

(TENTATIVA PSICO-FISIOLÓGICA)

TESE DE DOUTORAMENTO

APRESENTADA À

Faculdade de Medicina do Porto

MARÇO - 1921




195/10 FMP

IMPRESA CIVILIZAÇÃO

Rua das Oliveiras, 75 - Porto

O BEIJO



Germano Coutinho de Campos Monteiro

O BEIJO

(TENTATIVA PSICO-FISIOLÓGICA)

— 0 —

TESE DE DOUTORAMENTO

APRESENTADA À

Faculdade de Medicina do Porto

MARÇO - 1921



IMPRENSA CIVILIZAÇÃO

Rua das Oliveiras, 75 - Porto

Faculdade de Medicina do Pôrto

DIRECTOR - Prof. Dr. Maximiano Augusto de Oliveira Lemos

SECRETÁRIO - Prof. Dr. Álvaro Teixeira Bastos

PROFESSORES ORDINÁRIOS

Anatomia descritiva . . .	Prof. Dr. Joaquim Alberto Pires de Lima.
Histologia e embriologia.	Prof. Dr. Abel de Lima Salazar.
Fisiologia	Vaga.
Farmacologia	Prof. Dr. Augusto Henriques de Almeida Brandão.
Patologia geral.	Prof. Dr. Alberto Pereira Pinto de Aguiar.
Anatomia patológica . .	Prof. Dr. Augusto Henriques de Almeida Brandão.
Bacteriologia e Parasitologia.	Prof. Dr. Carlos Faria Moreira Ramalhão.
Higiene	Prof. Dr. João Lopes da Silva Martins Junior.
Anatomia cirúrgica (anatomia topográfica e medicina operatória).	Vaga.
Patologia cirúrgica . .	Prof. Dr. Carlos Alberto de Lima.
Clinica cirúrgica . . .	Prof. Dr. Alvaro Teixeira Bastos.
Patologia médica e clinica de moléstias infecciosas	Prof. Dr. Alfredo da Rocha Pereira.
Clínica médica.	Prof. Dr. Tiago Augusto de Almeida.
Terapeutica geral e Hidr. Médica	Prof. Dr. José Alfredo Mendes de Magalhães.
Clinica obstétrica . . .	Vaga.
História da medicina e Deontologia	Prof. Dr. Maximiano Augusto de Oliveira Lemos.
Dermatologia e sifilografia	Prof. Dr. Luis de Freitas Viegas.
Psiquiatria e Psiquiatria forense.	Prof. Dr. Antonio de Souza Magalhães e Lemos.
Pediatria.	Antonio de Almeida Garrett.

PROFESSOR JUBILADO

Pedro Augusto Dias (lente catedrático),

A Faculdade não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação.

Art. 15.º § 2.º do *Regulamento Privativo da Faculdade de Medicina do Porto*, de 3 de Janeiro de 1920.

A MEUS PAIS

Se um filho é um pouco da nossa própria carne, vós, ó meus pais, sois para mim como que a minha própria alma!

Por tudo, o meu reconhecimento.

A MINHAS AVÓS

MARIA

EMILIA

Deixai-me beijar conjuntamente os vossos cabelos brancos, onde talvez esteja algum embranquecido pelos cuidados que vos dei.

Para a última, um abraço a mais pelas eaturrices que aturou ao «seu menino».

A MINHAS TIAS

ANA BENEDITA

VIRGÍNIA

EMÍLIA

ARMINDA

A MEUS TIOS

ANTÓNIO

ARTUR

Que um mesmo abraço de afeição vos
una e vos pague um pouco do muito que me
tendes feito.

A MINHA TIA GLÓRIA

Como minha segunda mãe e minha pri-
meira tia, tenho, para o vosso nome um lo-
gar á parte no meu peito.

A MEU TIO HENRIQUE

Poderia lá deixar de vos distinguir, meu
primeiro tio, meu segundo irmão e meu
maior amigo?

A MINHAS IRMÃS

CELESTE
OFÉLIA

A MEUS IRMÃOS

HEITOR
ABÍLIO

Apertar mais o laço da amizade que
nos une, seria impossível, não achais?

A MEUS PRIMOS E PRIMAS

E EM ESPECIAL:

VIRGÍNIA e ADRIANO
e
OLÍVIA e JOÃO

AOS MEUS AMIGOS

Pela vossa amizade, obrigado!

AOS MEUS CONDISCÍPULOS

E EM ESPECIAL:

Dr. Cardoso do Carmo
Dr. Gumercindo Soares
Dr. Armando Leite Bastos
Dr. Alfredo Rezende
Dr. Antonio Araujo
Dr. Urgel Horta
Dr. Adalberto Souza Dias
Dr. Saraiva de Aguiar
Dr. Telmo Correia
Dr. Cerqueira Gomes
Dr. João Avelar
Dr. Alberto da Silva e Sousa.

Os frágeis bateis da nossa vida, que ha
7 anos vinham singrando, todos juntos, pelo
curso em fóra, vão agora mudar de rumo,
para irem, dispersos um a um, sulcar o mar
traíçoeiro do Futuro.

A todos, boa viagem!

AO MEU ILUSTRE PRESIDENTE
DE TESE,

Prof. Dr. Tiago Augusto de Almeida

Mestre! Vós que fazeis de cada aluno um amigo, que tendes o vosso nome imorredoiamente gravado no coração de cada um de nós, permiti que vos agradeça, profundamente comovido, a vossa anuência ao meu convite.

O BEIJO

I

Definição

Um beijo o que é? O que traduz êsse acto psicofisiológico que tem acompanhado sempre a humanidade nas diversas manifestações dos seus sentimentos?

Que sensações agradáveis, que ideias desperta em nós a prática dêsse acto, que já de si tem um nome tão caricioso?

Como defini-lo? Quantas definições lhe teem adstringido os poetas, todas elas bem mais lindas e mais expressivas do que todas as que a Sciência lhe possa dar!

O beijo tem sido cantado em milhares de versos, cuja compilação formaria um imenso e curioso cancionero. Muitos romancistas o teem descrito primorosamente, quer apresentando-o como o laço espiritual de duas almas que se adoram, quer fazendo dêle o primeiro contacto carnal de dois organismos que a Espécie apròxima.

Na sua evolução através dos tempos, nos seus requintes, enfim, no seu maior ou menor refinamento,

podemos nós acompanhar as diversas *étapes* da marcha progressiva da Humanidade.

É êle, por assim dizer, o espelho da Civilização. Estudar o beijo, respeitoso nos tempos bíblicos da prosperidade judaica, luxurioso na época pagã da hegemonia grêga, sentimentalmente amoroso nos dias cristãos da Idade Média, será estudar a própria História.

É o beijo uma manifestação universal e um acto de todos os tempos.

A êle vemos feitas referências em livros de épocas as mais remotas. E, embora com modalidades variadíssimas, vêmo-lo existir em todos os recantos do nosso globo.

Desde o Ramáiana á Bíblia e da Mitologia grêga ao Alcorão, de Homero a Dante e de Horácio a Camões, dos plainos gelados das regiões árticas á exuberante vegetação equatorial, da velha civilização asiática aos negros primitivos da África, vai um ciclo ininterrupto de beijos, de variadíssimas modalidades e significações.

E a nossa própria existência que é, também, senão um vasto beijo, tendo por pólos o cálido beijo do berço,—um beijo que contem muitas esperanças—e o beijo gelado de despedida na morte,—que traduz muitas desilusões—?

A meio dessa cadeia contínua de beijos brilha, como estrêla de primeira grandeza, como sol que a todos os outros ofusca, o doce e inesquecível beijo de amor, síntese de todas as nossas energias, um beijo que é como que um sôpro quente de vida insuflado nos lábios.

Da infância á velhice, quantas manifestações de amizade, de respeito, de gratidão e de amor! E tam-

bém quantos beijos se trocam para exprimir êsses sentimentos, desde os ímpetos impensados da adolescência ás avaras e quási frias carícias da velhice!

Quantos beijos, desde o hysterismo febril da mocidade ás paixões profundas e ardentes da idade adulta!

O beijo é a primeira manifestação carnal do amor. O apêto de duas mãos trémulas — primeiro contacto carnal —, não representa ainda mais do que um desejo, uma promessa cheia de reservas, uma esperança, ou ao contrário o desgosto de ver que podiam ser nossas certas concessões, que a ocasião ou a sociedade coíbem.

Na sua fórmula mais simples, o beijo é o contacto dos lábios de um indivíduo com qualquer parte do corpo de outro indivíduo.

É claro que se podem também beijar objectos: uma carta de amor, o retrato de uma pessoa querida, flores oferecidas como penhor de um grande affecto, luvas, lenços, artigos de vestuário, etc. Mas isso são manifestações de fetichismo, dos domínios da pièguice ou da psiquiatria, que não vêem para o nosso caso.

Ao acto de beijar junta-se, como é óbvio, um cortejo de sensações e de sentimentos, cujas *nuances* podem variar ao infinito. A definição completa do beijo, a um tempo topográfica, fisiológica e psicológica, tem de ser esta:

Beijo é o *contacto dos lábios de um indivíduo com qualquer região do corpo de outro indivíduo, acompanhado, para ambos eles, de um certo número de sensações e sentimentos.*

A ciência diz as coisas assim com esta secura, que não abandona mesmo quando se trata dos gestos mais sublimes. Já o poeta francês repontava com a Fisiologia, que reduz as lágrimas às banaes proporções de uma excreção constituída por água e alguns saes trivialíssimos.

Para as almas românticas a quem esta definição não satisfaça, e queiram ver no beijo mais um gesto do espírito que uma mímica da matéria, aqui exaro a formosa definição de Rostand:

...Un baiser, mais à tout prendre, qu'est-ce ?
 Un serment fait d'un peu plus près, une promesse
 Plus précise, un aveu qui veut se confirmer,
 Un point rose qu'on met sur l'i du verbe aimer.

(Cyrano de Bergerac, acto 3.º)

Sendo o beijo um acto instintivo, como adiante se provará, a educação quis que com as suas diversas localizações se relacionem diversos sentimentos. Assim, à sua classificação topográfica corresponde a sua classificação psicológica.

O **beijo nos lábios** é o beijo típico de amor. Tendo a sua origem no sentimento mais nobre e mais poderoso da nossa alma, é êle o primeiro raio de sol do alvorecer radiante do amor. É a fronteira nítida entre o amor platónico, idealista, que se compraz na contemplação muda das belezas do ser que se ama, e o amor carnal, que é, como diz Mantegazza, «uma forma sublime do tacto e do contacto», o amor fisico que a Espécie reclama e que todo o nosso ser deseja.

O beijo amoroso acompanha o amor em todas as suas manifestações. Se o amor sobe até aos êxtases

místico-amorosos da religião cristã, se êle desce até á copulação primitiva de dois seres que quási não raciocinam, tem comtudo sempre a acompanhá-lo um beijo, que é no primeiro caso como que uma carícia divina,

um beijo casto como a luz da lua,

no dizer dum poeta português, e no segundo pouco mais que uma mordedela de dois organismos a estuar de vida e energias genésicas.

Ó dentadas de amor! Ó canibaes!

(Guerra Junqueiro, *Morte de D. João*).

É tal a sublimidade dos beijos de amor nos lábios, adquirem tal beleza, mesmo quando não isentos de desejos carnaes, que as literaturas de todos os países andam cheias de referências a êles.

É Cristóvão Falcão, na sua écloga *Crisfal*—êsse romance de amor e desventura onde, a par da máxima singeleza de forma, se encontra a mais alta beleza da ideia,—que assim descreve a maneira como Maria o chama a si do desmaio:

Bem abraçado me tinha,
A minha boca na sua,
A sua face na minha...

É Dante a contar-nos, no canto quinto do *Inferno*, a aventura de Francesca, pondo na bôca da pobre enamorada êstes formosos versos:

Noi leggevamo un giorno per diletto
Di Lancillotto comme amor lo strinse

• • • • •

Quando leggemmo il disiato riso
 Esser baciato da cotanto amante,
 Questi, che mai da me non fia diviso,
 La bocca mi bació tutto tremante...

E assim Paolo e Francesca, duas sombras voando eternamente unidas na noite imensa dos círculos infernaes, ficarão para todo o sempre enlaçados na poesia dêsse beijo, no qual se exalou toda a vida dos dois amantes. É um beijo eterno, que simbolisa, por via da sua propria eternidade, o fastio do amor.

É Rostand, de novo e finalmente, a dar-nos os mais poéticos significados do beijo nos lábios: «um segrêdo que a boca recebe em vez do ouvido, uma maneira de saborear a alma pelo contacto dos lábios».

O **beijo na face** é o beijo típico de saudação. É o que trocam duas senhoras amigas como cumprimento, é o beijo de irmão para irmã, de criança para adulto ou vice-versa. Foi na face que Jacob beijou sua prima Lia e seu tio Labão, que Santa Isabel beijou Maria de Nazareth e que Judas beijou Cristo no Horto das Oliveiras. Pode ser tambem um beijo de amor, sendo deposto por vezes nos olhos ou nas orelhas. Nos olhos é casto. Nas orelhas, deve ser bastante mais lúbrico, a avaliar pela confissão de Teodorico Raposo, na *Reliquia*: «Depois, um dia, deixou de me fazer a carícia melhor, que eu mais apetecia: a penetrante e regaladora beijoca na orelha».

Ha tambem o beijo nos cabelos, símbolo de amor ou de amizade. O «beijo nas loiras tranças» é trivial nos poetas. «Aqueles formosos cabelos loiros de Ermelinda, que com tanto amor beijava...» escreve Julio Dinis, referindo-se ao Cancela da *Morgadinha dos Canaviais*.

O **beijo na frente** remonta á mais alta antiguidade. É o beijo de respeito filial. E é o beijo mais expressivo do affecto paternal.

E por um beijo na testa
recebe a bênção do pai.

(B. Lopes. — *Cromos*).

Antigamente havia o beijo esponsalício, dado na frente também, pelo noivo á noiva.

O beijo na frente é quasi sempre um produto das convenções sociaes. Nêle não entra qualquer imagem sexual. Isto não quer dizer que êle não possa ser também um beijo de amor. Mas quando o é, traduz um sentimento elevado, mais de admiração ou gratidão que atracção sexual.

Foi na frente que a rainha Ana de Áustria beijou Buckingham, na entrevista do jardim de Amiens. O ministro inglês tendo vindo disfarçado de Inglaterra e correndo os maiores perigos nessa viagem, ajoelhará-se-lhe aos pés, rendido e suplicante...

Cansada de lutar, e enfim vencida,
Ana de Áustria soluça... De repente,
Toma-lhe a larga frente escandecida
E beija-o, longa, demoradamente...

(Campos Monteiro — *Versos fóra de moda*).

Possivelmente influiria na localização dêste beijo histórico a attitude em que Buckingham se encontrava. Mas também para ela não foram certamente indifferentes a admiração e o reconhecimento de que Ana de Áustria se achava possuída, e talvez a sua dignidade de rainha.

O **beijo nas mãos** é essencialmente um beijo de cumprimento, ou de gratidão, misturados de um respeito profundo.

No poema *Tasso*, de Cândido de Figueiredo, o físico Febo, entrando nos aposentos do duque de Ferrara, saúda-o desta maneira:

Buon giorno! Cumprimenta-vos e beija
As vossas mãos o vosso servidor.

Enquanto que no *Anti-Christo* de Gomes Leal o herói do poema pede á sua enfermeira Celeste:

..... Consente
que eu te beije essas mãos por tudo que me hás feito!

Os filhos beijam a mão dos pais e avós, os afilhados a dos padrinhos, os católicos o anel dos prelados, os cavalheiros as mãos das senhoras, os súbditos a do rei. «Beijo-lhe as mãos pelos serviços que me prestou», é uma frase que ainda hoje se ouve e escreve com frequência. Os hespanhoes terminam as suas cartas pondo antes da assinatura as iniciaes: «Q. B. S. M.» — *que besa sus manos*. Os pagãos beijavam também as palmas das mãos, ao saúdarem os astros nas práticas religiosas.

O **beijo nos pés** é um beijo de respeitosa veneração, usado ainda hoje para com o Papa. Pode ser também um beijo de amor, mas de um amor tão espiritualizado, que quasi reveste a fórma de uma adoração. Era desta maneira que Gwinplaine beijava Dêa.

Ah! não ser eu o mármore que pisas!
Calçava-te de beijos!

Assim termina João de Deus essa linda canção
Descalça do Campo de Flores.

Gonçalves Crêspo, nessa formosa série de sonetinhos intitulada « Modesta » que vem nas *Miniaturas*, escreve :

Tão bela ! Enfeitiçado
beije-lhe namorado
a curva de seus pés !

E simboliza o amor-adoração do herói do *Homem que ri* neste lindo terceto :

Gwinplaine, extasiado,
De um ósculo sagrado
Os pés ungia a Déa !

Outras regiões do corpo podem ser beijadas ainda, constituindo êsses beijos actos essencialmente luxuriosos.

Na scena da orgia do panfleto em verso com que Guilherme Braga respondeu ao anátema do bispo do Pará,

Os braços nus da jovem Messalina
Cingem o padre que, sorrindo, oscula
A carne branca, aveludada e fina
Que lhe é dado gosar...

E no delírio erótico que o estimula, o bispo grita para Dolores :

Louca, aos meus beijos entrega
Teus hombros, teus seios nus !

Mas sempre, na gama ascendente dos beijos, os lábios dos dois amantes acabam por unir-se,

como sendo êsse o ósculo de mais deliciosas sensações:

Colam-se, em longo beijo,
As duas bocas ávidas, famintas ..

Também o jesuíta Demétrio, no *Anti-Cristo*, chama a atenção do confrade Marcelo para

..... o deleite
dos beijos no setim dos seios côr de leite.

O distinto poeta brasileiro, hoje residente em Lisboa, Mário de Artagão, fecha assim um soneto intitulado « A Ceia » :

Cada qual á porfia, todos émulos,
N'um sadismo de dentes a sangrar,
Mordem, tatuando, os brancos seios trémulos.

(Mário de Artagão - *As Infernaes*).

E como se êstes beijos não bastassem para acalmar a vertigem dos sentidos, quando a visão da Mulher, deslumbrantemente nua, aparece a Antão de Arouca,

O misero, a escaldar
Na febre irreprimivel dos desejos,
Por toda a parte e sempre a todo o instante,
Enraivado de amor, de novo, a uivar,
Sangrava a boca, rebolando, aos beijos !

(Mario de Artagão - *Loc. cit.*).

E outro seu illustre camarada e patricio, B. Lopes, escreve nos *Brazões* :

Ó loira de Lachapelle :
Devia este meu bosquejo

Ser traçado, beijo a beijo,
No setim da tua pelle,

Deixando um sulco violáceo
Pelo teu corpo alvo e lindo
— Roxa epomeia subindo
Colunatas de um palácio,

A equilibrar sem esforço
De arte belezas eternas:
A pompa de duas pernas
Sustendo a gloria de um torso.

Está dito tudo — por mãos de outros. Quero apenas referir-me a um beijo que, tendo uma localização um pouco *schoking*, nem por isso deixa de se revestir de uma certa poesia. É um beijo de gratidão, absolutamente despido de ideias sensuaes. Vem no *Assomoir* de mestre Zola: a lavadeira Gervásia acaba de dar á luz uma filha. Coupeau, seu marido, entra no aposento e sente-se possuído de imenso enternecimento pelos sofrimentos da parturiente, e de gratidão por lhe ter dado um penhor do seu affecto. Debruça-se sobre ela. « Il lui avait glissé délicatement sous le dos une de ses grosses mains, et il l'attirait, il lui baisait le ventre á travers le drap, pris d'un attendrissement d'homme rude pour cette fécondité endolorie encore ».

Será realismo, mas tem beleza. Os realistas também, ás vezes, sentiam o Belo, que nem sempre é o verdadeiro.

*

Quanto ás sensações que despertam, os beijos podem ser classificados em *agradáveis*, *desagradáveis* e *indiferentes*.

Pois haverá beijos desagradáveis?

Parece que sim. A muitas senhoras tenho eu ouvido confessar que lhe são supinamente desagradáveis os ósculos que as convenções sociaes lhes obrigam a dar, ou receber de outras senhoras. Mário de Artagão tem, no livro já citado, êste verso:

Como é banal um beijo de viuva!

contra o qual protestarão, certamente, muitos homens e... todas as viúvas.

Temos de confessar, porém, que não devem ser muito agradáveis, para ela, os beijos que uma mulher nova dá num espôso velho e detestado, — e mais alguns em que são muito diferentes as sensações colhidas de parte a parte.

São *beijos indiferentes* os que trocam duas senhoras ao encontrar-se, os que as crianças, por via de um péssimo costume, dão em adultos ou em outras crianças, etc.

Todos os demais são agradáveis, ou por motivo dos sentimentos que traduzem, ou das sensações que produzem; tão agradáveis, ás vezes, que, segundo La-Marmora confessa, o rei de Aragão, Martinho II, foi morto pela formosa San-Lucci da Sardenha... com beijos. Se o veneno fosse amargo, é de crêr que o monarca não houvesse esgotado o copo até ás fezes...

*

Passando uma revisão a tudo quanto fica dito atrás, vemos que o beijo pôde tomar aspectos variadíssimos e ser provocado por inúmeros sentimentos. Do simples contacto de dois lábios com outros lá-

bios pôde ir até ao maior refinamento, se entra nele a corrupção. Pôde elevar-se até às etéreas regiões da fantasia, se se lhe ajunta a imaginação. A vida social fez dêle um sinal mímico traduzindo variados sentimentos. A vida sexual fez dêle o primeiro condutor dêsse fluxo amoroso que nasce em todos os nossos elementos nervosos, e que nos impele, passando por cima da razão, galgando todas as conveniências sociaes, àquele acto que traduz, conjuntamente com a maior manifestação vital do indivíduo, a génese duma nova vida que venha perpetuar a espécie.

Beijar é, quasi sempre, exteriorisar um sentimento affectivo. Quem beija, respeita. Quem beija, quer bem. Quem beija, ama apaixonadamente.

Vemos, portanto, como anda intimamente ligado á nossa vida êste acto tão simples na aparência.

E assim como êle toma parte em todas as nossas manifestações sentimentaes, também a sua maneira de ser varia com os diferentes estadios da civilização.

Assim como êle é o espelho onde se reflectem as variadas expressões da nossa vida, da nossa alma, dos nossos sentidos, assim é também o reflexo das civilizações que o produzem.

Seguir o beijo através das edades é estudar a marcha da civilização.

O grau de cultura de um povo pode ajuizar-se pelos beijos que êsse povo dá, e pela poesia de que os reveste. Nos homens que levam uma vida bárbara, o beijo é rude e simples, porquanto essas creaturas apenas tentam satisfazer a brutalidade e a violência dos seus desejos de fêras. Se os costumes se vão civilizando, o beijo vai-se espiritualizando, tornando-se o reflexo da própria alma.

Quando as civilizações, atingido o seu apogeu, começam a decair, o beijo corrompe-se, impregna-se de toda a podridão que taes epocas transsudam.

Na história do beijo está, portanto, a história da própria humanidade.

História e Geografia

O beijo existe desde a mais alta antiguidade.

Refere-se a êle a história de todos os tempos, a literatura pagã, a *Biblia* e até mesmo os poemas indianos, com o *Ramãiana* e o *Mahabarata*.

Todas essas referências se fazem quer ao beijo religioso, quer ao beijo de saudação entre pessoas da mesma família, quer enfim ao beijo devasso com todos os requintes da voluptuosidade, como na Grécia e Roma.

Devo notar, contudo, que na Mitologia indiana encontrei umas duas referências a beijos, que me parecem ser dois beijos de amor, o que vem contradizer a opinião formada actualmente, de que o beijo de amor foi descrito pela primeira vez por Dante, no seu poema *Inferno*.

Uma delas fala-nos dos beijos dados por Sita na cabeça ensanguentada de Rama, seu único amor.

A outra faz parte duma oração que as mulheres hindús, 4:000 anos antes da nossa era, dirigiam a Krishna, o Sagrado: «No lago de ambrosia dos teus lábios, extingue o fogo de amor que acenderam em nós os teus olhos sorridentes».

Tambem no *Ramãiana* se encontram referências ao beijo de amor paternal. No episódio da morte de Iaginadata, o rei Daçarata conduz os paes do eremita

ão local onde jaz o filho morto. E a mãe: «Ó laginadata! — exclama, cobrindo de beijos os seus gelados lábios—ó meu filho, que me amavas mais que a própria vida! Porque, ao partir para tão longa viagem, me abandonaste, dize, sem uma palavra sequer de consolação? Um beijo mais, meu querido filho, um só, e resignar-me-hei a esta cruel separação!»

São tradução literal do poema as frases que aí ficam. O sr. Cândido de Figueiredo, que publicou a versão portuguesa dêste episódio, teve de descolori-lo um pouco, para o meter no colete de forças do metro:

O esmaiado semblante de seu filho
a mãe beijou-o, e desatou-se em prantos
e em lamentos tão tristes que lembravam
os da mãe do novilho a que furtassem
a estremecida prole: «laginadata,
dizia ela — não me queres tanto
como á propria existência? Filho augusto,
porque não falas tu, quando te partes
para essa viagem, que é tão longa?
Beija-me e partirás em me abraçando».

Também na literatura do antigo Egipto encontro uma referência ao beijo. Vem nas *Instruções de Phahotep*, filósofo que deve ter sido contemporâneo da 3.^a dinastia:

«Se queres ser sábio, trata da tua casa, ama tua espôsa, alimenta-a bem, beija-a com carinho, deixa-a adornar-se a seu gosto, consente que ela use perfumes e fá-la feliz por toda a vida».

Na *Lisistrata* de Aristóphanes, um velho diz a uma mulher da sua idade: «Minha velha! quero beijar-te!» e Cinésias diz a Mirrina: «Dá-me um beijo!»

O versículo com que abre o *Cântico dos Cânticos* é d'uma referencia flagrante também ao beijo de amor:

« Quem dera que êle me beijasse com um beijo da sua boca! » O herói do poema diz á Sulamita : « Teus lábios, ó minha Espôsa, são como um favo que distila doçura ! Ha mel e leite debaixo da tua língua ! » Por seu lado, a Sulamita contrapõe : « Do céu da sua boca derrama-se doçura ».

No capítulo VII dos *Provérbios* encontra-se o seguinte (vers. 10—21) : « E eis que lhe sai ao encontro uma mulher e acercando-se dêle beija-o dizendo-lhe : « . . . Vem, embriaguemo-nos de amor ! » É assim que ella o seduz com as caricias dos seus lábios ».

Na Bíblia encontramos mais alguns episódios de beijos trocados entre pessoas de sexo diferente, mas que são apenas beijos de saudação. Jacob, por exemplo, beija Raquel, sua prima, ao encontrá-la a pastorear o rebanho de seu pai Labão. É bem verdade que Jacob se tornou depois o eterno enamorado de Raquel, servindo o pai dela sete anos com o fim de conseguir o seu amor; mas naquele momento, ao encontrá-la pela primeira vez, foi um beijo de saudação de duas pessoas parentes aquelle que trocaram. Depois é Labão, pai de Raquel, quem beija o sobrinho, ao sabê-lo do seu sangue.

Todos os povos da antiguidade conheciam o beijo de saudação, quæ se trocava entre amigos, parentes, companheiros de jornada, etc.

Homero apresenta-nos na *Iliada* Tétis dando beijos nos joelhos de Zeus.

Príamo beija igualmente as mãos homicidas de Aquiles. Na *Odisseia*, é Penélope que beija o espôso, ao reconhecê-lo.

No teatro de Ésquilo encontramos tambem referências ao beijo.

O beijo luxurioso, levado ao maior refinamento pela corrupção duma grande civilização que decai, como aconteceu com a grêga e a romana, serviu de têmea a muitos epigramas e sátiras dos poetas contemporâneos.

A própria história a êle se refere, ao descrever-nos as *escolas de amor* da Grécia antiga, onde eram ensinadas todas as suas voluptuosidades.

As de Lesbos e Mileto, servidas pelas Hectáiras, ensinavam com uma proficiência digna da época todos os refinamentos do beijo, adquirindo êle, com Safo, de Lesbos e Corina, de Tanagra, suas mais ardentes sacerdotisas, a qualificação de «carícia incomparável» que os grêgos então lhe davam.

Como mestra na arte do beijo, vemos aparecer nessa época a cortesã Friné, *aquela cujos olhos davam mais luz ao dia do que o dia a eles*.

No antigo Egito, as alunas do Didascálion, escola de cortezãs adjunta ao templo de Afrodite, estudavam sete classes de carícias, entre as quais o beijo.

Todos os poetas e críticos da antiguidade, principalmente os escritores da Roma decadente, se referem ao beijo, enaltecendo-o ou depreciando-o.

Nos *Epithalâmios* de Catúlo, nos *Epigramas* de Marcial, no *Satíricon* de Petrónio e nas *Sátiras* de Juvenal, vemos cantar, exaltar, depreciar e condenar o beijo, cujo refinamento ia até à mais condenável abjecção.

E a tal ponto chegou o desenfreamento do amor carnal nêsses tempos de derrocada duma grande civilização, que da bôca dum poeta satírico de Roma saú esta exclamação de horror:

-- Nobres descendentes de Vénus! Dentro em pouco não haverá lábios bastante puros para poderdes dirigir à deusa as vossas preces!

O próprio Heliogábalo, imperador romano numa época em que o paganismo já agonisava, um depravado e um invertido a mais nessa série monstruosa de imperadores tarados, teve por Hiérocles, lutador do circo, uma grande paixão, dando-lhe beijos tão ascorosos e repugnantes como este:

«Hierocle vero sic amavit ut eidem oscularetur inguina».

É esta uma lei imutável: à medida que uma civilização progride, o prazer aumenta, a depravação aparece, e o beijo sofre, como todos os outros actos do amor, os seus requintes e as suas corrupções.

E este beijo não é aquela carícia doce que o contacto de dois lábios produz, não é aquela palavra que os lábios aspiram antes de se pronunciar, mas a febre ardente de duas carnes que se tocam, e que a corrupção cada vez torna mais voluptuosa.

O freio moralista do Cristianismo veio pôr cõbro à dissolução de costumes, e com êle desapareceram as orgias e as bacanaes dessa época.

Os anos passam, e o beijo, espelho da civilização que o produz, sofre todas as oscilações da humanidade.

Aparecem-nos na Idade Média os beijos de homenagem, tão importantes que legislações especiaes os chegaram a registar.

Assim, em Hespanha, chamava-se *beijo feudal* aquele que o senhor dava ao seu vassalo em demonstração de agradecimento.

As *Leis de Toro* e a *Novíssima Recopilação* falam do beijo de paz e do beijo sponsalício.

O primeiro era aquele que davam em sinal de reconciliação aqueles que haviam estado inimizados

por motivo de injúrias ou danos. Selada a paz pela troca do beijo, aquele que a violasse devia sofrer a pena imposta aos que quebrantavam a trégua. Se era fidalgo, podia ser desafiado, e se não acudisse ao desafio era declarado aleivoso. Sendo de classe inferior era condenado à morte.

Beijo esponsalício era o que dava o noivo à noiva em confirmação dos esponsaes contraídos. Se, depois de dado o beijo pelo noivo, não se realizava o casamento por culpa dêle, a noiva fazia suas metade das doações esponsalícias, fundando-se a lei, para estebelecer isto, em que:

«el ome al dar el osculo finca en placer, e la mujer finca envergonzada».

O beijo de amor descreve-o Dante, no *Inferno*, como já vimos, chamando-lhe João Psichari, numa conferência feita em Paris em 1914, por isso mesmo, o *pai do nosso beijo*.

Quer isto dizer que o verdadeiro beijo sentimental tivesse aparecido apenas nessa época?

De forma alguma. Apenas significa que a concepção idealista do beijo entrou n'essa altura no domínio da poesia.

A prova da convicção da existência remota do beijo de amor encontra-se em todos os cultores da história e em todos os escritores que se deram ao trabalho de reconstituir episódios e idades passadas.

No encontro de Salomão com Belkiss,

... O rei, sem lh'o dizer, qual o desejo
Que de Sabá a trouxe, de tão longe,
Beijou-a sobre a boca...

(Th. Braga - *A harpa de Salomão*).

A quando das lutas civis, nos mais recuados tempos da Índia, o príncipe Himançu, fugindo com a princesa Kali,

..... a reclina sobre a relva,
E como o atito de aves entre a selva,
Soam os beijos que na face planta.

(Th. Braga - *A Trindade Natural*).

Em *Uma noite de Cleópatra*, de Gauthier, a rainha do Egipto, dansando em frente de Melamoum «adiantava-se rapidamente, sobre a ponta vermelha dos pequeninos pés, e vinha aflorar com um beijo a fronte do seu amado».

Na *Cadeia de Ouro*, do mesmo auctor, Ctésias, contemporâneo de Péricles, voltando a si do desmaio, «sentiu na fronte o calor húmido dos lábios de Bâchida», e logo a seguir, grato á inesperada generosidade da hectaira, «cobriu-a de beijos». Na *Tentação de Santo Antão*, de Flaubert, a rainha de Sabá diz ao trémulo anacoreta: «Beija-me! Os meus beijos teem o sabor de um fruto que se te derretesse no coração».

No *Quo Vadis*, de Sienkiwicz, a escrava Eunice beija os lábios frios da estátua de Petrónio, por quem estava enamorada; e Vinício manifesta desta forma o seu amor por Lígia:— «Queria beijar-lhe os lábios até os meus escorrerem sangue».

Nos *Últimos dias de Pompeia*, de Lord Lytton, Glauco beija Nídia, e Médon cobre de ósculos ardentes o cadáver do filho. Na entrevista da tenda, em *Salambô*, a filha de Amílcar, vergando aos beijos de Mathô, «mais devoradores que as chamas, sentia-se como que arrastada por um furacão». E na *Afrodite*, de Pierre Louis, Demétrio beija o pé da rainha Berenice, Tímon beija os lábios da escrava crucificada e

Crísis promete a Demétrio: « Hei-de dar-te mais beijos na boca do que pérolas ha no mar ».

Através da História o beijo aparece-nos com todas as suas modalidades e *nuances*, cantado pelos poetas, admitido pela sociedade, consagrado pela família, constituindo assim o símbolo do amor, da amizade, do respeito, da dedicação, do reconhecimento, da adoração, de todos os sentimentos nobres.

E porque vem dos primórdios da Humanidade, não é difícil admitir que o beijo se encontra espalhado por todo o mundo.

Apesar de Darwin nos dizer que êle é desconhecido dos habitantes da Terra do Fogo, dos Lapónios, dos Taitianos, dos Esquimós, etc., pode-se admitir nêles o beijo tambem, porquanto, se eles se não beijam como nós, teem contudo o seu sinal mímico correspondente.

O que é a fricção, com aspiração, de dois narizes, o que é o contacto leve de dois epigastros senão um beijo de duas epidermes, mímica exprimindo um desejo de aproximação e de contacto?

Nos chinezes o beijo é apenas um acto de amor. É uma aspiração dos « eflúvios espalhados sôbre a face do ser amado », nariz colado á face dêsse ser, pálpebras cerradas e lábios entreabertos onde paira um ligeiro trémulo de voluptuosidade. É um beijo onde toma parte capital o sentido do olfacto, mas é um beijo tambem.

E assim, por toda a superfície da Terra vamos encontrar o beijo, desde os píncaros gelados do Himalaia aos desertos candentes do Saará, dos litorais civilizados aos misteriosos sertões do continente negro, da rudimentar existência do Patagão e do Måori à vida vertiginosamente acidentada do parisiense de hoje.

O beijo é um acto instintivo?

O beijo é um acto instintivo ou um acto adquirido pela educação?

É um acto instintivo. Para justificar esta asserção bastará provar que o beijo existe desde os tempos mais remotos, em todos os recantos do mundo e estabelecer as condições prováveis do seu aparecimento.

Que êle existe desde a mais remota antiguidade e em todos os povos, parece-me tê-lo demonstrado no capítulo antecedente.

Foi, portanto, primitivamente do domínio do automatismo: um fenómeno mímico traduzindo um determinado sentimento affectivo ou amoroso, que a educação transformou pouco a pouco.

É bem verdade que em certos casos, como, por exemplo, numa mãe que ensinou seu filho a beijar, nos parece á primeira vista que o beijo não seja um acto tendo sempre uma base instintiva.

A criança dá os seus primeiros beijos quando tem um ano de idade. Nesta idade são beijos ensinados pela mãe, mas de beijos apenas teem o gesto. A parte instintiva do beijo das crianças está na sucção. A criança ao beijar não faz mais do que esboçar o gesto de quem mama, e êste gesto é automático.

Os lábios servem, na criança, principalmente como órgãos do tacto. M.^{me} Shinn, em *The Biography*

of a baby, diz-nos que a criança de 3 a 4 meses experimenta um certo prazer em levar a mão à boca, sugando no polegar, e assim repete amiudadas vezes esta sensação, que é, já de si, um esbôço de beijo.

Mantegazza cita o caso duma creança que para testemunhar o seu reconhecimento às pessoas suas amigas, lhes dava um beijo de gratidão, que consistia em um ... « chupão » sobre as faces. A primeira manifestação do beijo da criança, foi portanto, uma sucção.

Depois, a mãe beija o filho vezes sem conta, fala-lhe sempre de beijos, castiga-o privando-o dos beijos costumados, dá-lhe um beijo em prêmio duma boa ação, e assim o filho pouco a pouco aprende a beijar, e o seu beijo vai-se complicando de sensações e de imagens novas.

Chegada a puberdade, o beijo adquire todos os seus caracteres sexuais e torna-se o beijo de amor.

No beijo que a mãe dá ao seu filho, põe ela toda a sua alma, entram nele um mundo de sentimentos.

Mas não experimentará também a mãe uma *satisfação táctil* em acariciar com os seus lábios a pele assetinada e tépida do filho estremeado? Evidentemente, que neste beijo toma parte uma sensação agradável de tacto, mas uma sensação que é para a mãe um fenómeno quasi inconsciente.

A génese do beijo tem servido de tema a várias produções literárias, a duas das quais, o beijo materno e o beijo de amor, desejo fazer referência:

A primeira é da penna de Garrett, numa poesia já de si intitulada *O Beijo*. Vénus, saída das ondas, vê nascer-lhe um filho, o Amor, dum suspiro que se lhe desprende do peito.

Nos lábios de ambos sussurrava a mêmô
 O enxame dos prazeres,
 E doce, por entre eles se emanava
 O mel das delicias.
 Por divinal instincto se aproxima
 A face à face do outro,
 Brandamente seus labios se tocaram.

E foi assim que nasceu o *maravilhoso beijo*, como Garrett lhe chama. É uma explicação mitológica, própria da pênna dum poeta.

A outra, baseada no instincto sexual, é a descrição primorosamente feita do aparecimento do primeiro beijo de amor entre dois organismos virgens e absolutamente ignorantes dos mistérios do amor. É o beijo que Adão teria dado em Eva... após a deglutição da celebre maçã.

Zolá, o profundo observador, assim no-lo descreve na sua obra **La faute de l'abbé Mouret**:

Sérgio e Albina, duas crianças grandes, conhecendo da vida apenas aquilo que a natureza lhes ensinara, acham-se vivendo conjuntamente num segundo *Paraiso Terreal*. Nos seus passeios errantes encontravam sempre por horizonte, por leito e por cobertura, a natureza exuberante que os envolvia nas suas caricias de Vida e de Fecundação. Queriam-se um ao outro com um affecto que não saberiam explicar. Amavam-se, mas apenas como se amam duas crianças. Um dia, num dos seus passeios pelo *Paradis*, Sérgio, vendo Albina com um sorriso nos lábios e sentindo nos seus qualquer palavra, qualquer coisa onde êle punha todo o seu ser, «alors, il se pencha encore, il parut chercher à quelle place exquise de ce visage il poserait le mot supreme. Puis, il ne dit rien, il n'eut qu'un petit soufle. Il baisa les lèvres de Albine».

É o *beijo-instinto*, independente de qualquer educação e tendo a sua base na nossa própria natureza. Em Albina e em Sérgio, foi a necessidade sexual despertada que os levou à prática dum acto que previamente desconheciam. E devemos notar que neste acto não influiu directa ou indirectamente qualquer sensação genital.

Este casal, que Zolá nos pinta criado na ignorância absoluta das coisas de amor, alegre, sorridente, brincando como as crianças que um nada entretém, despertando a cantar e adormecendo a sorrir, *vivendo*, enfim, começam a sentir algo de obscuro e vago na sua consciência, como que um desejo de qualquer coisa desconhecida que pouco a pouco se torna numa obsessão.

É, por assim dizer: «a meditação da Espécie preparando a sua perpetuação» (Roux). E é neste estado psíquico que o primeiro beijo aparece, inconsciente, representando, como diz Zolá, a última palavra de amor, aquela que os lábios não pronunciam, mas transmitem.

O beijo é, portanto, um acto natural, que tem por base psico-fisiológica o desejo de aproximação, a tendência ao contacto de dois seres que se amam ou se apetezem mutuamente. É, na sua essência, uma requintada manifestação do tacto. Devia ter começado, nos primórdios da humanidade, por uma quasi mordedela com que o macho marcava o seu primeiro gesto de posse sobre a fêmea. Certamente que medeia uma certa diferença entre o beijo do troglodita e o do homem civilizado. Essa diferença pertence à educação, que pôs os sentimentos dominando as sensações. E não será uma manifestação de atavismo o beijo torturante do sádico?

Psico-fisiologia

Todos os nossos pensamentos e sensações tendem a traduzir-se por movimentos, formando o seu conjunto a *mímica*. São fenómenos espontâneos que o meio social modificará.

A *mímica* é por assim dizer uma linguagem universal, tendo gestos aproximados para exprimir os mesmos desejos e as mesmas emoções. E assim, todos os indivíduos, dos mais diversos povos, sorriem quando são felizes, acariciam quando desejam, beijam quando se amam ou se querem bem.

O beijo, é, portanto, como a carícia e o sorriso, um dos elementos dessa linguagem universal que se chama *mímica*.

Esta *mímica* é primeiro espontânea, e depois modificada e refreada pela nossa vontade e costumes. Daí diversas variantes nos seus movimentos, e, consecutivamente, diversas formas de beijos.

Portanto, quer o beijo seja produzido pelo contacto de dois lábios, como na Europa, quer pela fricção de dois narizes, como na Polinésia, nele temos a considerar o mesmo sentimento afectivo ou amoroso, que tende a aproximar dois seres que se amam ou dedicam simpatia mútua.

E' êste desejo de aproximação, é esta tendência

ao contacto de dois seres, que forma a base psico-fisiológica do beijo.

E assim as frases dos poetas quando desejam «fundir duas almas numa apenas» e as da Bíblia, que nos ensina que «serão dois numa mesma carne», traduzem desejos de aproximação, da união completa de dois seres, mas uma união que tem fatalmente de começar por um contacto carnal.

E' o beijo a primeira manifestação carnal do amor. E' uma sensação de tacto, a que outras sensações veem colorir e aumentar a tonalidade.

Estudar, explicar o beijo será procurar os elementos que entram na sua sensação e analisá-los. E como toda a sensação é formada de impressões que se tornam conscientes, tomando um character affectivo, estudarei primeiro essas impressões, a maneira como elas se tornam conscientes, e depois as outras sensações que contribuem para a formação do beijo.

Impressões do tacto:

Qualquer órgão dos sentidos recebe excitações exteriores, as *impressões*, que nos centros nervosos se transformam em *sensações*.

Para o tacto, estas impressões são percebidas pela pele e mucosas, com a ajuda dos órgãos do tacto. Não querendo entrar aqui nos detalhes fisiológicos das sensações, direi apenas que pelo tacto se sente: o contacto, o calor, o frio e a dôr, parecendo haver para cada uma destas sensações um órgão diferente, e sendo estas sensações distintas umas das outras.

Vou estudá-las separadamente, porque as suas componentes nos fornecerão os elementos do beijo.

O tacto — Disse já que as impressões chegadas ao cérebro se transformam em sensações. São impressões tornadas conscientes, adquirem assim um caracter affectivo, agradável ou desagradável. E assim, um ser debaixo duma determinada sensação experimentarâ prazer ou dôr, dando as impressões moderadas uma sensação mais ou menos agradável.

Qualquer excitação moderada que se exerça pelo tacto sobre os nossos lábios produzirá, portanto, uma sensação agradável. O aveludado da pele, a temperatura tépida da mesma, contribuem para aumentar esta sensação. Ela é ainda aumentada, como veremos adiante, pela imaginação, que vem assim juntar às sensações já existentes as imagens, pelo contacto dos nossos lábios com a carne duma pessoa que amamos.

Calor e frio — Está mal estudada ainda a acção destas duas causas sobre a acuidade das sensações. Contudo, o calor aumenta as sensações, e o frio entorpece-as. Mas às vezes, sendo as imagens bastante poderosas, podem apparecer-nos casos, como o de Pigmalião, escultor grêgo, que depois de cinzelar a estátua de Galateia, diz a lenda, lhe dava beijos tão apaixonados e ardentes que nem a frieza do marmore diminuía a intensa sensação de prazer que experimentava.

Dôr — Não me importando aqui com as teorias expandidas por Max von Frey e M.^{elle} Jodeyko, que admitem para a dôr vias especiaes e territórios determinados na pele, limitar-me-hei apenas a saber se a dôr representa algum papel na eclosão do beijo.

Parece á primeira vista paradoxal esta pergunta, porquanto consideramos o beijo até aqui como sendo apenas uma sensação agradável. Mas talvez que a dôr

entre como elemento em alguns beijos, naqueles que já de si formam parte do quadro sintomático dum determinado capítulo de psico-patologia.

É bem conhecida a *dôr agradável* que os poetas teem cantado, como Baudelaire nas *Fleurs du Mal*, quando diz:

Connais-tu, comme moi, la douleur savoureuse?

Musset fala-nos tambem de *beijos de raiva*:

Qu'on la voit béante se tordre
 Dans un baiser de rage et mordre
 En hurlant des mots inconnus!

E não há beijos que vão até á mordedela?

E assim este amor da *dôr* póde ir até ao masoquismo. Mas êstes beijos, nos quaes a *dôr* toma parte, apenas se encontram nos deprimidos, naqueles que só conseguem obter sensações dando ao seu sistema nervoso fatigado uma forte excitação, que lhes produz a *dôr voluptuosa*.

Despertar das imagens:

Mas o beijo não é apenas formado por estas sensações de tacto mais ou menos agradáveis. A sensação especial que experimentamos pelo contacto com a carne duma pessoa amada, deve uma grande parte á imaginação. E são estas imagens despertadas pelo tacto que levam a sensação agradável até á voluptuosidade, que nada mais é que a apoteose desta sensação, elevada pela imaginação até ao paroxismo.

É êste despertar das imagens que vem enriquecer a sensação anterior. Elas tornam o beijo mais complexo, mais agradável, como os sons harmónicos que vão completar uma melodia musical. E é com êste despertar das imagens que o beijo adquire os seus caracteres sexual e social: que o beijo se espiritualiza.

Como adquire, então, o beijo o seu caracter sexual?

Notemos primeiro que *toda a sensação forte tende a pôr a esfera sexual em ebulição*. Por conseguinte, se no beijo a excitação cresce progressivamente, despertam-se ao mesmo tempo imagens sexuaes.

Por outro lado, *há no organismo certas zonas que excitadas nos despertam imagens sexuaes*. São as *zonas erogéneas*, como as mucosas dos órgãos genitales. Outra, como os mamilos e *os lábios*, parecem exercer também sôbre a esfera sexual uma grande acção. E uma vez despertadas essas imagens, o beijo terá o caracter das imagens despertadas, sendo então indiferente, agradável ou voluptuoso. Assim estas imagens dão ao beijo o seu caracter de *idealização*, a ponto de todas as outras sensações quasi desaparecerem, perdendo o beijo a sua parte material e tornando-se, como dizem os poetas, «na comunhão de duas almas».

Para esta idealização do beijo contribuem muitas outras sensações, como as auditivas e as visuais.

Todos conhecem a influêncía que nêle tem uma música langorosa, que instinctivamente fará entreabrir os nossos lábios, para melhor o server ou transmitir, e a vista duns olhos lindos onde possamos mergulhar os nossos, num êxtase espiritual.

A excitação dos órgãos do olfacto e do gôsto despertam também em nós imagens; mas êstes dois

sentidos, e principalmente o olfactivo, formam dois dos elementos que entram no beijo.

Impressões olfactivas:

O olfacto tornou-se, nos povos civilizados, como um sentido secundário. Mas nos povos primitivos e nos chineses e malaios, é êle o principal elemento do beijo.

Para ver a sua importância no beijo façamos uma pequena digressão pela sua histo-fisiologia.

O órgão olfactivo está, no homem, reduzido à *mucosa olfactiva*, pequena mancha amarela existente sobre o corneto superior (parte média) e parte correspondente do septo das fossas nasais. São as células sensoriaes desta mucosa (células nervosas) que estão incumbidas da olfação. O resto da mucosa nasal, a *mucosa pituitária*, tem apenas o seu papel na sensibilidade geral.

A mucosa olfactiva é muito desenvolvida nos animais, para fins de alimentação, de defesa e de reprodução, bastando-nos aqui frisar a maneira como os machos são levados para as fêmeas, por partículas odoríferas que estas desprendem e que excitam o seu apetite genésico.

Vemos já aqui uma estreita união entre o olfato e os órgãos genitales nos animaes, tendo alguns, como o castor e o almíscar, verdadeiras glândulas genitales odorisantes. Nos homens também esta influência dos odores se faz sentir no seu apetite genésico, havendo alguns para quem os perfumes, e até o próprio suor, teem um grande poder excitante.

A cômprovar mais esta união estreita entre o órgão olfactivo e os órgãos genitales, cito apenas a excitação do sistema genital durante uma rinite, o facto de algumas outras rinites não curarem enquanto se não curar a doença genital concomitante, e as epistaxis suplementares durante o período menstrual (Mackensie).

As impressões olfactivas terão da mesma fórma influência sôbre o beijo? Pelo menos nos povos selvagens e nos mongóis parecem ser essas impressões as que formam a base do beijo. Na China, onde o beijo tem restrictamente uma significação amorosa, é o sentido do olfacto que leva esse gesto até à voluptuosidade. Êste beijo de amor, o único que conhecem, traduz-se poeticamente pela «aspiração dos eflúvios irradiados pela carne do ser amado». É uma *farejadela*, em que o enamorado, feliz pela sua amada lhe consentir uma tão grande prova de amor, aplica docemente o seu nariz sobre a face dela, aspira longamente, cerrando as pálpebras, e tremendo levemente com os seus lábios, mas sem os apoiar na face da amada.

Êste beijo é na apparencia o contacto ideal de dois amantes. Para êles o nosso beijo na boca é uma coisa odiosa.

Num artigo intitulado «Le baiser en Europe et en Chine» e publicado na *Revue Scientifique*, encontra-se isto, a respeito da aversão que os chineses manifestam pelo nosso beijo:

«Ils éprouvent une aversion profonde pour l'acte repugnant qui consiste, disent-ils, á appliquer d'une façon vorace, comme antropofages, deux lèvres disposées eu ventouse qu'une instinctive salivation rend humides et de faire claquer ensuite cette bouche avec un clapotis de choses molles».

Para eles o nosso beijo é uma sucção pela qual nós sangramos as mulheres. E é interessante narrar aqui o facto dos anamitas, depois da conquista franceza, dizerem a seus filhos, quando os queriam atemorisar, que iam chamar um francês para lhes dar... um beijo.

Mas êste acto que os chinezes julgam ser ideal, o seu beijo de amor, que para eles constitui um acto de profunda adoração, não é mais que o prelúdio da união sexual dos animaes, que começa por êsse gesto de olfação.

O beijo chinês tem pois, como o nosso beijo, uma base fisiológica, instintiva. Um pintor malaio, Baden-Saleh, perguntava: «Respirando nós pelo nariz, porque razão não havemos de aspirar por aí o hálito da pessoa amada?»

Seja como for: apareçam idealizadas as impressões fornecidas pelo tacto, como nos Europeus, ou pelo olfacto, como nos Mongóis, o certo é que a sua base é a mesma: uma impressão sensorial, e portanto estritamente fisiológica.

Impressões gustativas:

O paladar terá alguma influêncía sobre o beijo? Poetas teem cantado o seu sabor, como os beijos de mel, etc., mas as sensações gustativas, a serem elementos do beijo, são de uma percepção muito difficil, porquanto andam sempre associadas ás do tacto.

Contudo é natural que a excitação das células grustativas vá reforçar a sensação táctil.

*

Acabamos de ver que o tacto, o olfacto, e até o gôsto, representam um certo papel na formação do beijo, sendo o tacto aquele que mais influência tem nele. E sendo assim o beijo principalmente uma sensação de tacto, porque razão é a bôca que beija, e não qualquer outra parte do corpo? Porque é que os lábios e a língua são, por assim dizer, os *órgãos do beijo*?

Talvez porque nessas regiões está a sensibilidade muito desenvolvida.

Vejamos:

Diz-nos a fisiologia que a sensibilidade varia segundo as regiões, o que Aubert provou, determinando a pressão mínima que provoca uma sensação de tacto. Aubert encontrou para os lábios uma grande sensibilidade, mas outras regiões se mostraram ainda mais sensíveis.

Mas as condições fisiologicas podem modificar muito a sensibilidade dum órgão. Pela procura do *sentido do espaço cutâneo*, que pela lei de Vierordt, é tanto mais desenvolvido quanto mais móvel é a parte em que ele se explora, encontramos que a distância mínima de dois pontos que acusam sensações distintas, é para a ponta da língua de 1mm, distância muito menor que em outra qualquer parte, como na face palmar da 3.^a falange dos dedos, onde é de 2mm. E como as partes mais móveis são as mais sensíveis, é natural que este sentido do espaço cutâneo nos dê a medida da sensibilidade dos órgãos correspondentes, o que dará para a língua uma grande sensibilidade.

Mas, repito, ha condições fisiológicas que fazem

variar muito a sensibilidade, como sejam os fenómenos de erecção e a mobilidade dos órgãos onde ela é explorada.

Fenómenos de erecção:

Os órgãos esfincterianos, como os lábios, podem ser a séde de uma replecção sanguínea. Vejamos como se dá esta replecção nos lábios, fazendo previamente um leve estudo sobre o orificio bucal:

Os lábios são constituídos essencialmente por uma camada muscular, coberta por uma mucosa que se continua insensivelmente com a pele e estando separadas estas duas camadas por uma outra, a sub-mucosa. O músculo essencial desta camada muscular é o *orbicular dos lábios* que se dispõe em volta do orificio bucal, á maneira de uma elipse de grande eixo transversal. A este músculo veem juntar-se as extremidades de muitos outros, que estão para êste como raios divergentes. Ha ainda, em cada lábio, na visinhança do bordo livre, um certo numero de fibras antero-posteriores, que constituem o *músculo compressor dos lábios*, (*rectus labii* de Klein, *proprius labii* de Krause), e que é muito desenvolvido no recém-nascido, contribuindo para a sucção. A mucosa que cobre êste anel muscular tem uma coloração vermelha que é devida á sua transparência, deixando entrever os feixes musculares existentes debaixo dela, e tambem á sua riqueza vascular. A sua superficie está ericada de papilas cónicas, muitas delas vasculares. Esta região é irrigada pelas coronárias e seus ramos, que formam um círculo arterial em volta do orificio bucal. As veias formam uma rica rede debaixo da pele, independentemente das artérias.

É nas papilas atrás referidas que se vai produzir uma espécie de erecção em miniatura. É a contração do orbicular durante o movimento dos lábios quem vai produzir esta erecção, pela compressão das papilas, que assim entram a circulação de retorno. E a turgescencia d'estas papilas permite aos corpusculos do tacto uma maior sensibilidade.

Em apoio desta maneira de pensar vemos a ex-quesita sensibilidade que os órgãos genitales adquirem durante a sua turgescência e a presença d'um aparelho vásculo-nervoso no folículo dos pelos tácteis dos mamíferos, como o gato, o coelho, etc., que serve assim para lhes aumentar a sensibilidade.

Vemos, portanto, que a sensibilidade dos lábios e da língua (Renaut) é aumentada pelos fenómenos de erecção que se passam ao nível das suas papilas.

Pode-se admitir, com Kobelt, que os órgãos erecteis são órgãos excitadores, productores de sensações voluptuosas.

Da motilidade na sensibilidade:

Diz Charles Féré que « o movimento é a condição fisiológica da sensação ».

Mantegazza diz-nos tambem que os centros mínicos da affectividade estão nas mãos e na boca, procurando todos os povos da terra o contacto das partes mais móveis e mais sensíveis. E não serão os lábios as partes mais móveis do nosso corpo? Talvez! É tanta a sua mobilidade que nós para prescrutarmos as lutas interiores duma determinada pessoa, é para os lábios que olhamos, porque êstes tremem á menor emoção.

Esta mobilidade vem então explicar-nos também em parte a sua grande sensibilidade.

A sensibilidade marcha, portanto, a par da motilidade.

Resumindo, vemos que:

— Os lábios e a língua são os *órgãos do beijo*.

— São regiões possuídas d'uma grande sensibilidade, que lhe vem da sua motilidade e principalmente de fenómenos de erecção que se dão ao nível das suas papilas.

O beijo social

Já mostrei a influência que a sociedade tem exercido sobre o acto primitivamente instintivo do beijo, a evolução que ela lhe tem feito sofrer através das idades, a sua corrupção e a sua complexidade levada até à mais perfeita idealisação.

Qualifiquei-o de reflexo da sociedade, de espelho da Civilização. Referi-me largamente aos beijos convencionaes, gestos mímicos representando determinados sentimentos.

Falta-me apenas falar do beijo debaixo do ponto de vista higiénico. Não foi êste, contudo, o assunto que eu tive em vista ao fazer a minha tese, porquanto muito se tem dito já sôbre êle. Referir-me-hei apenas de passagem ao perigo que muitas vezes tem a prática do beijo, sendo êle um meio de transmissão de muitas doenças, entre as quais a sífilis e a tuberculose.

Neste sentido, várias campanhas se teem feito, tendentes à sua extinção, ou pelo menos ao seu uso mais... regrado. Cá em Portugal, a *Assistência Nacional aos Tuberculosos*, numa colecção de panfletos de propaganda anti-tuberculosa, refere-se a êle, chegando mesmo a condená-lo em verso... que parece prosa:

Não debes nunca deixar
Em teus filhos beijos dar.

O beijo mais inocente
Pode, ao são, tornar doente.

Os próprios jornaes várias vezes já teem tambem levantado pequenas campanhas a seu respeito, condenando principalmente o beijo de saudação trocado entre as senhoras.

Nos Estados Unidos da América, o paiz do utilitarismo e dos *business* até mesmo no... amor, formou-se uma *liga anti-oscultória*, chegando um membro do parlamento a fazer um projecto de lei tendente a limitar a prática do beijo apenas aos cidadãos dotados de pulmões sãoes e saúde perfeita.

Palavras! Apenas palavras! Ponham-lhe os entraves que quizerem, estabeleçam-lhe leis draconianas, obriguem-nos a uma asepsia rigorosa e prévia da boca, e o beijo persistirá, por toda a parte, em toda a gente e em todas as idades, exprimindo os mais diversos sentimentos e tendo as mais variadas modalidades, porque é uma parte integrante da nossa própria natureza.

É um gesto instintivo, misterioso, como misteriosa é a nossa alma e a nossa propria vida.

E, como elas, ha de existir sempre, acompanhando a alma nas suas manifestações emocionais, e findando apenas quando a vida se extinguir.

VISTO,
Thiago d'Almeida.

PODE IMPRIMIR-SE.
Maximiano de Lemos.

BIBLIOGRAFIA

- Testut et Jacob* — Traité de Anatomie Topographique.
Poirier — Traité de Anatomie Humaine.
Hyrthl — Manuale di Anatomia Topografica.
Gley — Physiologie.
Morat et Doyon — Traité de Physiologie.
Marion — Psychologie de la Femme.
Mantegazza — Fisiologia da Mulher.
» — Fisiologia do Amor.
Darwin — A expressão das emoções.
» — A origem do homem.
Roux — L'instinct d'amour.
Spencer — Psychologie des sentiments.
Duchene — Mechanisme de la physionomie humaine.
Fedoroff — Le visage.
Bechterew — La psychologie objective.
Année Psychologique — 1900.
Année Psychologique — 1895.
Journal de Psychologie — 1920.
Ésquilo — Os Persas.
Homero — Iliada.
» — Odisseia.
César Cantu — História Universal.
Michand d'Humive — As grandes lendas da Humanidade.
Noël — Dictionnaire de Fable.
História da Prostituição.
Génesis.
Sienkiewicz — Quo Vadis?
Gauthier — Uma noite de Cleópatra.
» — Cadeira de Ouro.
Flaubert — Tentação de Santo Antão.
» — Salammbô.
Lord Lytton — Os últimos dias de Pompeia.

- Dante* — O Inferno.
Michelet — L'amour.
Rostand — Cyrano de Bergerac.
Baudelaire — Les Fleurs du Mal.
Zolá — L'Assomoir.
» — La faute de l'abbé Mouret.
Cristóvão Falcão — E'cloga Crisfal.
Junqueiro — Morte de D. João.
Garrett — Lírica de João Mínimo.
» — Retrato de Vénus.
Th. Braga — A Trindade Natural.
» — A harpa de Salomão.
Mário Artagão — As Infernaes.
Campos Monteiro — Versos fóra de moda.
Julio Diniz — A Morgadinha dos Canaviaes.
Eça de Queiroz — A Relíquia.
B. Lopes — Cromos.
» — Brazões.
C. de Figueiredo — Tasso.
» — A morte de Iaginadata.
Gomes Leal — O Anti-Cristo.
- 